

## BOCA DO INFERNO: CONTINUIDADES E VARIAÇÕES IMAGÉTICAS (SÉC XI-XXI)

RAFAEL BUZINARO STÁBILE<sup>1</sup>;  
THAYS TONIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafael.stabile@outlook.com](mailto:rafael.stabile@outlook.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [toninthays@gmail.com](mailto:toninthays@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procura analisar iconologicamente as relações simbólicas e contextuais entre imagens de diferentes tempos históricos que retratam a oralidade demoníaca, termo este concebido por FILHO (2021) como “atos maléficos expressados através da boca”. Desta forma, buscou-se quais as alterações iconográficas e iconológicas encontradas entre os séculos XI e XXI, e quais sobrevivências simbólicas se apresentam na cultura visual contemporânea. O estudo parte da observação de uma temática repetida e representada também em diferentes localidades, linguagens e culturas e, ao mesmo tempo, de uma mudança de compreensão do conceito de oralidade em questão. Como dito por TONIN (2021a e 2021b),

Toda imagem alude às imagens que a antecipam, e assim, reivindica imagens que foram e também que virão. É desta forma que a imagem artística interpela sentidos hodiernos e também inatuais. A história da arte e a cultura visual contemporânea só podem serem entendidas enquanto esta trama de camadas discursivas, densidades temporais e também formais, onde por desejo ou à contragosto, as palavras de Umberto Eco retornam como um rumor: “toda história conta uma história já contada” (ECO, 1985, p.20).

Em outras palavras (e imagens), é disto que falava também Aby Warburg (2010), em suas intermináveis pesquisas acerca das relações rizomáticas na história da arte e da cultura.

[...] uma imagem nunca se encerra nela mesma, e este breve anteparo frente a unicidade da imagem rapidamente ramifica-se em tantas outras imagens quanto é possível prolongar a experiência do olhar e o desejo de (d)escrever. Neste sentido, uma só imagem pode nos levar a tantos mais tempos, espaços e linguagens que, nada mais justo do que considerá-las dinâmicas inextinguíveis, entre continuidades e variações.

Para analisar a continuidade de uma imagem em outra de diferente período cultural é preciso compreender dois importantes conceitos, criados por Aby Warburg, que auxiliam o entendimento das representações artísticas e a compreensão da história da arte, são eles *Nachleben* e *Phatosformel*. O primeiro reflete acerca do poder de sobrevivência de uma imagem através dos tempos e o segundo se trata da afetação da imagem com o espectador, como deve ser percebida não por ela própria, mas por seu contexto e capacidade de gerar emoção (WARBURG, 2015).

Tal exercício de pesquisa demonstra a atemporalidade da imagem e a constante necessidade de relacionar e compreender o *pathos* que as permeiam em seus diferentes *motifs* artísticos. A repetição temática expressa a cadeia de transmissões imagéticas da memória coletiva de uma sociedade e se torna uma manifestação de desejos insatisfatórios, uma forma de sintoma apresentado nas relações simbólicas. O

objeto de estudo aqui presente - as representações da oralidade demoníaca - é encontrado continuamente em obras de diferentes países do século XI até a contemporaneidade, logo, esta pesquisa tem como objetivo exercitar maneiras de identificar as mudanças ocorridas na iconografia cristã medieval dentro do conceito de oralidade demoníaca, compreendendo quais influências foram responsáveis pelas variações artísticas e como estas obras afetam o imaginário contemporâneo.

## 2. METODOLOGIA

WARBURG (2015) afirma que a função mnêmica torna capaz realizar ações ligadas a inseparabilidade e *tensão* entre “consciente” e “inconsciente” ou “coletivo” e “individual” por parte do artista, que é afetado (*pathos*) pelos sintomas de seu tempo histórico. A metodologia warburguiana induz o pesquisador a observar as imagens na relação detalhe-totalidade – suas “tensões” - e assim criar relações entre os “elementos acessórios” encontrados nas imagens e a fortuna crítica da obra.

Figura 1: Painel Mnemônico



Figura 1: “deixai toda a esperança”. Fonte: Montagem virtual. Criação do próprio autor. Disponível em alta resolução em: <<https://prezi.com/p/gnuhfilvamru/?present=1>>. Acesso em 10 ago. 2022

Utilizou-se como base o projeto intitulado *Atlas Mnemosyne*, uma série inacabada de painéis de imagens onde Aby Warburg, Gertrud Bing e Fritz Saxl exploram sua metodologia (WARBURG, 2010), compreendida como um exercício iconológico de junção de dezenas de imagens que representariam a ideia de inferno no *medievo*. Durante a construção do painel mnemônico (Figura 1) encontra-se novas relações nas obras selecionadas e percebe-se a repetição de figurações monstruosas ou malévolas com mandíbulas abertas e/ou devorando humanos. Procurou-se, então, determinar continuidades e variações entre as imagens construindo uma cartografia.

Após a delimitação espacial e criação de relações entre as imagens do painel foi possível observar uma hipótese acerca das representações da oralidade demoníaca medieval separadas em duas simbologias principais: a partir da “Boca do Inferno” e a partir de um “Satã devorador”. Encontraram-se sobrevivências [*nachleben*] de ambas as categorias na contemporaneidade e no imaginário coletivo atual. Além disso, percebe-se que a publicação do livro *A Divina Comédia*, no século XIV, contribuiu de

forma basilar para a mudança iconográfica na arte cristã medieval. ALEGHIERI (2005) descreve Satã de forma a se relacionar com questões do imaginário florentino, ao mesmo tempo que contradizia os padrões simbólicos de um Diabo característicos da literatura na época e que trazia a oralidade demoníaca a partir de outras imagens. Após o lançamento de seu livro é possível encontrar diversas obras que derivam de suas narrativas, e tanto o personagem Diabo quanto o mal expressado pela via oral ganham novas formas de representação artística.

Após o exercício de criar um repertório de imagens (figura 1), iniciou-se a pesquisa historiográfica de caráter bibliográfico, incluindo neste processo documentos que discursam sobre a evolução iconográfica da arte cristã, em especial do inferno e do Diabo, assim como estudos sobre o desenvolvimento do medo na humanidade, expressões do inconsciente na agressão e na arte, as influências da Igreja Católica no cotidiano medieval e impactos d'A Divina Comédia nas obras de arte. Contudo, devido as limitações do resumo aqui apresentado serão desenvolvidos os resultados especificamente relacionados as influências da obra de Dante Alighieri acerca da representação da oralidade demoníaca.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A iconografia da Boca do Inferno teve sua origem nas ilhas britânicas após a reforma monástica do século X, como discorre COSTA (2011). A partir do século XI o inferno é estabelecido como local de punição e se torna um dispositivo utilizado pelos eclesiásticos para ordenar a conduta humana, utilizado pela Igreja Católica como discurso e suporte visual para a doutrinação dos fiéis, como forma de induzir evangelização da comunidade e persuadir comportamentos morais. A associação simbólica entre a condenação e o ato de ser devorado pode ser encontrada em diversas passagens bíblicas, com a descrição do Leviatã, no livro de Jó, a partir de figurações de dragões, leões e outras feras que devoram quem transgride seus limites. A expressão máxima da condenação, portanto, será figurada na Boca do Inferno, passagem da Terra para o Inferno (GUERREIRO, 2014).

Entre os séculos XI e XIII as representações da oralidade demoníaca se encontram, majoritariamente, em narrativas acerca da Boca do Inferno, por vezes relacionadas ao Juízo Final (passagem para o pós-morte e punição eterna). Após o século XIV, com a publicação de *La Divina Commedia*, nota-se alterações nos *paragones* e *tropos* pictóricos, com marcantes implicações políticas e te(le)ológicas. Desta forma, toda mudança que se encontra na herança ocidental da tradição clássica e sua relação com a iconologia cristã torna-se relevante para esta pesquisa (LINK, 1998).

ALEGHIERI (2005) narra a oralidade não como uma forma de entrada ao Inferno, mas a expressa em personagens ao longo do poema (violentos demônios ou almas condenadas). Porém, sua maior representação se encontra no Canto XXXIV, ao se deparar com a figura do Diabo. Lúcifer se encontra preso no ponto mais profundo do Inferno, dedicado aos traidores, e lá cada uma de suas três cabeças devora os maiores traidores da Terra, Brutus, Cassius e Judas, por toda a eternidade. Vale ressaltar que Dante não foi o primeiro a apresentar Lúcifer com três faces devorando homens, porém a complexidade de sua obra causou um grande impacto na compreensão do Inferno e de suas criaturas. O inferno dantesco, portanto, se mostra como uma junção de representações que circulavam no discurso religioso cristão e na cultura popular medieval, o que fortalecia a aceitação de tais figurações no imaginário coletivo deste período (COSTA, 2011). Assim, sua descrição do Diabo infere mudanças artísticas,

formais e narrativas ao retratar figuras “demoníacas”, dado que pode ser compreendido nos séculos seguintes, visto o aumento de obras que retratam a oralidade demoníaca como Dante a expressa. A partir do século XIV, uma extensa iconografia de Diabos e demônios devorando e/ou agredindo humanos com suas bocas se faz presente nas imagens artísticas, relacionando-os a animais ferozes. A partir do século XIX a narrativa estende-se à figura humana, com o surgimento de contos vampíricos e canibalescos.

#### 4. CONCLUSÕES

A realização do mal através de uma agressividade oral se institui no imaginário coletivo e nas heranças artísticas ocidentalizadas, sendo, portanto, tema estudos da antropologia, psicologia, arte, entre outras. Melanie Klein e Freud discursam sobre as ligações entre a expressão sádico-oral e impulsos destrutivos e como o elemento perverso da agressividade bucal afetam os homens atualmente (OLIVEIRA, 2016).

A compreensão do valor mnemônico das imagens é essencial para o estudo da arte, uma vez que possibilita captar vínculos entre conceitos e comportamentos humanos que ultrapassam as barreiras temporais. A sobrevivência e transmigração das imagens remetem a análises mais profundas das obras artísticas e suas influências socioculturais, questão central para a história da arte. Como se trata de uma pesquisa em andamento é possível dizer que outros elementos e relações possam ser detectados durante seu desenvolvimento.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGHERI, D. **A Divina Comédia**. São Paulo: Landmark, 2005.
- COSTA, D.L. Considerações Sobre a Ideia de Inferno Medieval. **V Congresso Internacional de História**. Maringá, p. 2422-2430, 2011.
- Gesner Las Casas Brito Filho. **Nas mandíbulas da morte: A iconografia da boca do inferno e a Inglaterra da Alta Idade Média**. IV Semana Infernal, Meridianum UFSC, 19 out. 2021. Acessado em 08 ago. 2022. Online. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hCp0WBM33MM&ab\\_channel=MeridianumUFSC](https://www.youtube.com/watch?v=hCp0WBM33MM&ab_channel=MeridianumUFSC)
- GUERREIRO, D. **A boca do Inferno – Análise iconográfica**. 2014. Graduação em Patrimônio Cultura e Arqueologia, Universidade do Algarve
- LINK, L. A aparência do Diabo. In: LINK, L. **O Diabo: A máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Cap. 2, p. 43-94.
- OLIVEIRA, M. **Estudo do canibalismo na história e na literatura e o significado de Hannibal Lecter como possível ogro contemporâneo**. 2016. Monografia. Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul.
- TONIN, Thays. **As armadilhas biográficas da história da arte: o caso de Artemisia Gentileschi (1593-1653)**. 31 Simpósio Nacional de História - ANPUH. RJ: 2021. Disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resouces/anais/8/snh2021/1628564070\\_AR-QUIVO\\_8049d37c3ff5833ca03c4b97fb7a22fe.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resouces/anais/8/snh2021/1628564070_AR-QUIVO_8049d37c3ff5833ca03c4b97fb7a22fe.pdf) Acesso em: 16 ago 2021. [2021a]
- TONIN, Thays. **A iconologia como experiência estética. Ensaio sobre uma imagem sem fonte encontrada no Warburg Institute Photographic Collection**. Palíndromo, Florianópolis, v.13, n. 30, p. 247-271, mai 2021. Disponível em: ou <https://doi.org/10.5965/2175234613302021247> [2021b]
- WARBURG, A. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: Akal S.A., 2010.
- WARBURG, A. Introdução à Mnemosine. In: WARBURG, A. **Histórias de fantasma para gente grande: Escritos, esboços e conferências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Cap. 9, p. 363-375